



O TREVO

DIFUSÃO DO ESPIRITISMO RELIGIOSO

Orgão da Aliança Espírita Evangélica
da Fraternidade dos Discípulos de Jesus

ANO I

São Paulo, Dezembro de 1974

N. 10

UM ANO DE ALIANÇA

JACQUES ANDRÉ CONCHON



Dia 4 de dezembro de 1973 — Uma data histórica.

No dia 4 de dezembro de 1973, sem qualquer sentido separatista, competitivo ou divergente, foi fundada a Aliança Espírita Evangélica, com a finalidade de unir esforços das instituições espíritas que seguiam rigorosamente as Diretrizes fixadas em 1940 pelo Plano Espiritual Superior, que serviram de base à difusão da Doutrina em largas áreas do nosso Estado.

Com o passar dos meses, consolidou-se o seu caráter. Longe da pretensão de ser mais um órgão de unificação, a Aliança firmou-se como um Programa de Trabalho, reunindo os Grupos

Integrados em torno do Espiritismo Religioso.

As medidas tomadas durante o seu primeiro ano de vida visaram consolidar uma situação já existentes nos Grupos Integrados, abrangendo os seguintes setores:

a) maior aproximação dos Grupos Integrados através das assembléias mensais e das visitas que os mesmos vêm realizando uns aos outros com apreciável êxito;

b) uniformização dos programas escolares (Curso Básico de Espiritismo, Curso de Médiuns e

Escola de Aprendizes do Evangelho) tornando-os mais objetivos com as revisões feitas pelo próprio Cmt. Edgard Armond;

c) padronização das práticas doutrinárias (assistência espiritual, vibrações à distância, etc.);

d) implantação das Caravanas de Evangelização e Auxílio que, além de serem um excelente trabalho para os alunos iniciantes, têm traduzido o seu valor em frutos de inestimável alcance social;

e) aperfeiçoamento dos expositores e dirigentes através de sessões de estudos e cursos (Ora-

tória, Psiquismo e Cromoterapia);

f) conagração entre todos os alunos dos diversos Grupos Integrados com as reuniões trimestrais de Vibrações;

g) edição dos livros textos integrantes do curriculum do Curso de Médiuns (Psiquismo e Cromoterapia) e a publicação do periódico "O Trevo".

Estes foram os passos que a Aliança deu no seu primeiro ano de vida, visando quase que somente o lançamento dos seus alicerces.

Para o seu segundo ano preveemos, antes de mais nada, a necessária consolidação dos já citados itens, e além disso: editar os nove volumes que compõem o curriculum da Escola de Aprendizes do Evangelho, e outras obras de interesse Doutrinário; ampliar o seu quadro de expositores; aperfeiçoar dirigentes com cursos especializados e propiciar maior entrosamento com os Grupos Integrados sediados no exterior.

Como vemos, a Aliança vem cumprindo as suas finalidades concentrando os seus esforços para a efetivação do ideal da vivência evangélica — uma realização simples, honesta e positiva de fraternização.

Passes Padronizados

REATIVAÇÃO DOS CHACRAS

— II —

Prosseguindo com os necessários esclarecimentos sobre os Passes Padronizados, em sequência à abordagem do Pasteur-4, focalizaremos hoje a reativação dos chacras, considerada a conveniência de sua utilização no campo das curas através de passes.

O método padronizado compreende, como todos sabemos, a utilização da força primária («kundalini»), com os devidos cuidados, na forma que demonstraremos a seguir:

Primeiro Tempo: CAPTAÇÃO



Com ambas as mãos caídas naturalmente, dedos unidos e voltados para baixo, executa-se o primeiro tempo, captando-se a «força».

Segundo Tempo: INTERCEPTAÇÃO



A mão direita permanece na posição inicial, atraindo a «força» e a esquerda é levada até o básico com o objetivo de interceptá-la, pois que, no seu fluxo natural, a «força primária» penetra pelo básico e se esvai pelo coronário, após ter percor-

rindo a medula espinhal. Desta forma, assumimos seu controle, canaliz-



zando-a, à nossa vontade, para os demais chacras.

Terceiro Tempo: TRANSFERÊNCIA



Com a mão esquerda no básico, a direita pela frente do corpo para lá se dirige, buscando contato e, em seguida, desliza suavemente para o esplênico, centro que se destaca pela sua importante função de regular a circulação dos elementos vitais (fluidos, radiações e ondas em geral).

Naturalmente, a sequência lógica, seria, após o esplênico, a reativação do «centro de força» genético, no entanto, essa passagem não só é suprimida pela sua diminuta influência

na aplicação de passes, mas sobretudo pelos graves e notórios viciamen-



tos existentes no setor do sexo, pois maléfica em todos os casos seria a excitação desse «centro de força».

Quarto Tempo: REATIVAÇÃO DO GÁSTRICO



A posição correta está indicada na fotografia acima. Por se tratar de uma estação importante da vida vegetativa, a aplicação aí pode ser um pouco mais demorada.

Quinto Tempo: REATIVAÇÃO DO CARDÍACO



Sempre com a mão esquerda na posição interceptadora, a direita é conduzida para a região pré-cordial, onde a aplicação deve ser suave e breve, por ser essa região a da regulação do metabolismo circulatório sanguíneo.

Sexto Tempo: REATIVAÇÃO DO LARÍNGEO



Como ilustra a fotografia acima, a mão direita deve abranger completamente a laringe.

Sétimo Tempo: REATIVAÇÃO DO FRONTAL



Por se tratar de um centro extrinsecamente ligado à organização fisiológica do cérebro, a aplicação também deve ser suave e breve.

Oitavo Tempo: REATIVAÇÃO DO CORONÁRIO



A mão direita aberta é posta sobre o alto da cabeça, palma voltada para baixo.

Este é o mais importante dos «centros de força» e através dele se estabelecem ligações com o mundo (Conclui na última pág.)

Página dos Aprendizes

Nas lutas habituais, não exija a educação do companheiro. Demonstre a sua.

Na vida cotidiana, duas situações opostas se oferecem ao mesmo tempo: competição e colaboração.

Dentro da vida familiar, uma só pode existir: a colaboração.

Na vida social, porém, a competição é inevitável. Não apenas porque é de nosso dever aprimorarmos mais e mais, para também mais evoluirmos.

Essa luta competitiva, porém, deve realizar-se dentro dos códigos de convivência humana, válidos para cada época. Assim, competimos dentro de uma coletividade e não contra ela.

Almejamos os objetivos do futuro, não como satisfação de nossos desejos pessoais, mas fraternalmente, como parte de um grupo humano, em marcha para melhores dias.

Nessa luta, mesmo sem o desejarmos, superamos a uns e somos superados por outros. Aceitamos as vitórias com humildade e as derrotas com a intenção de tentar novamente, e ainda outra vez, até superarmos os obstáculos que nos bloquearam de início.

A vitória maior, porém, não é aquela que conseguimos contra os outros, é sim, aquela que obtivemos contra nós mesmos; transformar esse empenho de luta que é a lei da vida, em um instrumento de evolução e aprimoramento, em que se exija mais de nós do que se procure dar, mais do que receber; em que se demonstre a própria educação, antes de se exigir a do próximo.

Marilda de Carvalho

Centro Espírita Irmã Brasileira.

Face aos erros, paguemos o tributo devido e nos libertemos logo.

Cristo esteve encarnado entre nós há dois mil anos, para nos alertar e mostrar, através do exemplo, como agir — pois estávamos nos retardando muito. O tempo passava sem que nós nos esforcássemos na caminhada. Nossos erros, ao invés de serem pagos, eram aumentados.

Nós assistimos à Sua vinda e foi bem pequena a parcela da humanidade que seguiu o Seu exemplo; o restante continuou errando. Jesus continuou enviando seus alertas das mais variadas formas. Muitos mensageiros e numerosos exemplos.

Agora, aqui estamos nesta escola de aprendizado evangélico; estudamos, ouvimos. Será que estamos realmente entendendo mais esta mensagem? Será que já não é hora de nos livrar de nossos tributos e nos colocar em dia com a própria consciência?

É bem provável que tenhamos acumulado uma dívida bem grande, mas, se nos propusermos a pagá-la, sabemos que Nosso Pai sabe qual o limite de nossas forças e qual a melhor maneira de pagá-la.

A nossa libertação depende somente de nós mesmos. Já não somos tão ignorantes, e quanto maior for a nossa capacidade de entender as coisas, bem maior é a nossa responsabilidade. Não retardemos ainda mais a nossa libertação, para que não nos endividemos ainda mais.

Neiva Luzia Masotti Lorenzetti

C. E. Aprendizes do Evangelho,
S. Paulo.

Jesus, fonte de água viva

Se todos nós imaginássemos que Jesus é uma fonte que serve para acabar com a nossa sede, que maravilha seria!

Mas, imaginar que é também uma luz no fundo de uma escuridão, é o mesmo que supor que se nós chegássemos até lá, também faríamos parte dessa luz.

É assim o nosso tema: Jesus é a luz, e nós vamos fazer parte dela, ou: Jesus é a água que nós recebemos ao passar pelo deserto árido da Terra, que representa as nossas dificuldades.

Uma conclusão, então, é logo tirada: se nós superarmos tudo isto, logo seremos recompensados com essa água e essa luz, mas se não o fizermos, continuaremos sem água e sem luz.

Sueli de Paiva Vaz

Colônia Espírita Alvorada.

Somente após superar o transitório, poderá o aprendiz conquistar a individualidade eterna.

Só após a nossa passagem pela Terra é que o nosso espírito se liberta.

Para que ele cresça, é preciso saber aproveitar o nosso tempo, ver como vai o nosso campo íntimo, se a sementeira está bem cuidada, se não há muita erva com o trigo; se houver joio, precisamos tirá-lo, mas com amor, e não deixá-lo crescer mais. Há dentro de nós uma balança que nos pesa todos os dias: o bom e o ruim.

Nós podemos guardar dentro de nós o nosso trigo. Aumentar o nos-

so celeiro, fazer uma riqueza enorme porque, essa, ninguém rouba, e quando o espírito largar a carne, levará toda essa riqueza que tinha guardado e que conquistou com o Evangelho e o seu esforço!

Agradecemos ao Pai por termos quem nos ensinasse naquela escola humilde, onde aprendemos a nos libertarmos e iniciarmos o voo a caminho da eternidade.

Maria Assunção de Paiva

Colônia Espírita Alvorada.

Faça amigos para a eternidade.

É difícil meditar e lutar para fazer alguma coisa para a eternidade. Esta nos parece tão distante!...

Porém, tudo que estamos fazendo, as nossas lutas diárias, a solução de nossos problemas, têm como lema a conquista para a eternidade. Teremos um dia que vencer esta batalha tão árdua e laboriosa.

Vivemos em um campo de guerra onde o inimigo somos nós mesmos. Devemos nos modificar e pôr todas as arestas que deformam o nosso caráter. Iremos conquistar os nossos companheiros de lutas através de compreensão e amor, para conseguirmos uma amizade que

nos levará através dos tempos, para o amanhã.

Não sabemos se aqueles a quem amamos menos ou ignoramos, serão os nossos companheiros de existência em outras vidas. É uma tarefa difícil olhar a todos como irmãos e com amor, mas nestas simples palavras — «amar ao próximo» — Jesus deixou encerrada toda a Sua Doutrina.

Como Aprendizes do Evangelho, começamos a lutar, a fim de chegar a uma vitória e conquistar amigos para sempre.

Nanci Duarte Coelho

Grupo Socorrista Maria de Nazaré.

Discuta com serenidade.

O opositor tem direitos iguais aos seus.

Nunca devemos discutir, pois, discutindo, estamos falhando em nossa vigilância. Quando discutimos, já sabemos o que acontece: nossa vibração cai e damos entrada ao sofrimento.

Mas, quando encontramos irmãos nossos que vêm discutir conosco, devemos ouvi-los com serenidade. Depois, com a humildade que é a chave para a caridade, responder com amor, já que o opositor tem direitos iguais aos nossos.

Vigiemos as próprias manifestações, não nos julgando indispensáveis e preferindo autocrítica ao auto-elogio. Recordemos que o exemplo da humildade é a maior força para a transformação das criaturas. Toda presunção evidencia afastamento do Evangelho.

Odete de Souza Orbolato

C. E. Aprendizes do Evangelho
S. José dos Campos.

Levante o caído; você ignora onde seus pés tropeçarão.

Levantar o caído porque tropeçamos no passado ou tropeçaremos no futuro, é já uma boa razão e exprime o princípio da solidariedade que devemos cultivar.

Há, contudo, uma razão mais profunda que nos deve mover para levantar o irmão caído. É a consciência plena da Lei da Caridade, tão bem conceituada pelo Apóstolo Paulo e tão bem sentida por Francisco de Assis.

Essa consciência plena da Lei nos irmana de tal modo a todas as pessoas que, ao vermos um irmão caído sentimos como se fosse uma parte de nosso próprio ser.

Se formos capazes de tal sentimento de caridade, então estamos no caminho do verdadeiro Cristianismo.

Francisco Carlos Costa

C. E. Aprendizes do Evangelho
S. José dos Campos.

O TREVO

Redação:

Rua Genebra n.º 172

São Paulo

Artigos assinados por colaboradores são de sua exclusiva responsabilidade. Os não publicados não serão devolvidos.

Redatores:

JACQUES CONCHON

NEY PRIETO PEREZ

TIRZAH RIETHER

Diretor Administrativo:

JOSÉ RODRIGUES

Jornalista Responsável:

VALENTIM LORENZETTI

Composto e impresso na

GRÁFICA EDITORA

LINOTYPE LTDA.

Glóbaldo Madeira

Rua Mem de Sá, 172 - Tel. 279-0512

Visitas Fraternas



O Grupo da Fraternidade João Ramalho visita o C. E. Aprendizês do Evangelho, em S. Paulo.



O Grupo Socorrista Maria de Nazaré esteve na Clínica de Repouso Francisca Júlia antes de se dirigir ao C. E. Aprendizês do Evangelho, em São José dos Campos.

Os dirigentes de Escolas de Aprendizês do Evangelho devem valorizar o programa de visitas a outros Centros Espiritas, para que realmente se estabeleça uma aliança sólida, aliança fraterna. A própria Aliança Espírita Evangelica.

Nota-se que os próprios alunos vão se entusiasmando pelas visitas. Aqueles que participam de uma, contam os resultados aos demais e contagiam outros. Na próxima visita, percebe-se que é maior o número de participantes.

Quem participa de uma visita a outro Centro Espírita dentro dessa programação, fica realmente entusiasmado. Sente-se no ar a alegria do encontro. Embora muitas vezes as palavras não consigam expressar o que nos inunda o coração, percebe-se que os sentimentos fraternos realmente extravazam.

O programa de visitas da Aliança é o próprio Espiritismo aplicado. É a aplicação de um dos três elementos essenciais da Doutrina: a solidariedade. O trabalho, outro dos elementos, de uma forma geral já vem sendo executado pelos grupos integrados, cada qual dentro de suas possibilidades. A tolerância é decorrência do trabalho e da solidariedade.

Acontece, contudo, que muitas vezes nos envolvemos no trabalho a ponto de até ignorar que existem, em outros Centros, irmãos ansiosos por trocar uma palavra de amizade. Daí a importância das visitas: estímulo à solidariedade e transferência das experiências adquiridas no trabalho.

Pensamentos, Palavras, Atos

(Contribuição para as Escolas de Aprendizês do Evangelho)

— II —

Ney P. Peres

Nas primeiras experiências da prática do silêncio, nos preocupamos apenas com as ocorrências durante o dia, nas nossas relações com o meio ambiente, a análise das mesmas até suas raízes e a conduta evangélica ideal a ser adotada numa eventual repetição das mesmas ocorrências.

Vamos agora a uma 2.^a etapa das nossas experiências interiores. Vamos fortalecer o nosso eu interior com alguns requisitos de que carece para continuar na 2.^a etapa da já iniciada exploração.

A nossa consciência já anotou uma série enorme de pensamentos, palavras e gestos manifestados pelo inconsciente. Já os procurou enquadrar com paciência, tolerância e humildade numa conduta a seu entender coerente com a de um cristão no seu sentido mais puro.

Acrescentemos agora, algumas informações muito interessantes sobre os pensamentos, palavras e atos.

PENSAMENTO é energia criadora. Todo pensamento deve ser construtivo, altruísta, positivo. Pensei puramente e os vossos atos serão puros e benéficos. As energias irradiadas através dos pensamentos de amor, doçura, bondade, são exércitos de forças auxiliaadoras utilizadas pelo Plano Espiritual.

Nunca desperdice energia com pensamentos nocivos ou devaneios inúteis. Não é bastante não serem maus nossos pensamentos; devem ser bons e dirigidos sempre para uma atividade benéfica.

A **PALAVRA** é o verbo criador. É o veículo através do qual as cria-

turas humanas se unem, se entendem, se confraternizam, se amam. Usai os vossos lábios somente para auxiliar os outros, porém não para vosso prazer e interesse. Falai dos outros somente quando puderdes ajudá-los ou defendê-los na sua ausência. Não deveis dizer dos outros o que não desejaríeis que eles ouvissem. Conversas imorais ou fúteis, discussões inúteis ou irritantes, fazem perder forças por provocarem vibrações negativas e malélicas.

Os **ATOS** refletem os pensamentos. A harmonia que se deve buscar pela palavra e pelo olhar, deve também ser representada pelos gestos e pelas atitudes, os quais devem ser nobres, expressivos e calmos. O aprendiz deve ter cuidado em produzir somente gestos agradáveis e úteis. Estender a mão a outrem com sentimentos bons, é gesto que liga os corações. A mão tranquila e generosa que se estende com bondade, é uma bênção, uma proteção. O olhar canaliza correntes de energia, portanto, só deve o aprendiz deixar fluir pelos seus olhos, olhares bondosos, pacíficos, amorosos e tranquilos.

Nas nossas experiências de silêncio, depois de passado algum tempo, digamos, três meses, procuramos meditar sobre os nossos pensamentos, palavras e gestos e analisemos se os mesmos já estão dentro das importantes afirmativas acima emitidas. Vamos, então, agora conduzi-los, ensaiando os primeiros passos até até que os tenhamos perfeitamente educados e no seu comportamento desejado.

PASSES PADRONIZADOS

(Conclusão da pág. 2)

espiritual; além disso exerce distinta ascendência sobre os demais chacras. Entrosa-se diretamente com as funções da Mente.

Observações

1) as reativações são feitas em duas passagens: na primeira busca-se imprimir aos «centros de força», maior impulso de atividade natural; na segunda, utilizando-se a vontade, promove-se neles uma intensa aceleração, para que adquiram plenitude de eficiência.

2) esclarecimentos gerais sobre o assunto podem ser encontrados no livro «Passes e Radiações».

3) não é necessário que a mão permaneça em contato com o corpo nas reativações, devendo haver um pequeno afastamento (2 a 3 cm), pois, como é sabido, os «centros de força» se alojam no Duplo Etéreo, cujos limites ultrapassam ligeiramente a superfície corporal.

Edgard Armond